

A Benfeita no tempo de Simões Dias

Mário Mathias

A aldeia, seu aspecto e configuração.

A infância do Poeta, a escola, o Professor e a escolha da vida a seguir; a partida para Pedrógão Grande para continuar os estudos, as tristezas da despedida, e caminho que percorreu.

Paisagens e panoramas. Usos, costumes e lendas populares.

Artigo publicado no JORNAL DE ARGANIL,
em 15 e 22 de Abril de 1943.

SIMÕES Dias deixou em alguns dos seus livros preciosos elementos biográficos, que expurgados da *ganga* da fantasia com que o Poeta quase sempre os rodeou, poderão contribuir, certamente para a reconstituição do seu carácter e para conhecimento e real interpretação de alguns passos da sua vida.

O Visconde Sanches de Frias, seu amigo dedicado e íntimo, afirma por certo com conhecimento de causa e justificada razão, no estudo crítico e biográfico, com que abre a 5.^a edição das «PENINSULARES», *que o modelador das «FIGURAS DE CERA» pintou uma grande parte de si próprio, na melhor personagem do seu livro.*

Com efeito, contando-nos a história daquele famoso JOÃO NINGUÉM, que nascera em SANTA CECÍLIA - nome com que disfarça a sua aldeia natal - numa casa que tinha *largo pátio à entrada e no topo, ao cimo da estreita escada de pedra, a varanda de pau assente em pilares*, Simões Dias parece contar-nos a própria história da sua infância e revelar-nos o desejo que acalentava de *ao entardecer da existência, regressar à Benfeita para viver na sombra, a sós com os seus livros, esquecido do mundo e das suas pompas, deliciando-se do alto da sua janela com a risonha perspectiva das veigas que se estendem dum e d'outro lado da ribeira, ou percorrendo com os olhos marejados de pranto... as encostas arrelvadas, os cômoros verdejantes, os altos abrup-*

tos, por cujas depressões se despenham em lícidas cascatãs amplos lençóis franjados de pérolas.

SANTA CECÍLIA, a terra triangular, com o seu aspecto de lenço de três pontas semelhante a largo sepulcro aberto na raiz de três montanhas escalvadas e negras, que alguns comparavam com indolente pretinha a espreguiçar-se, por tardes de calma, deitada na encosta, com os pés a refrescar na corrente múrmura e a cabeça reclinada na verde alfombra que tapeta os olivedos... sob um pedaço de céu que não mede mais de três braças, SANTA CECÍLIA, de que o Poeta se não lembrara talvez durante largo tempo, era afinal a terra aonde desejava acabar os seus dias, pois era ao obscuro cemitério da sua aldeia que queria pedir os sete palmos de terra que se não negam a ninguém...

Já antes, em versos publicados num jornal, Simões Dias exprimira talvez o mesmo desejo ao dizer:

*E quando eu morra... (Misera vida
Que eu te não deixe na terra alheia!)
Fiquem ao menos meus tristes ossos
No cemitério da minha aldeia ⁽¹⁾*

e nas peninsulares, recordando magoadamente a paisagem da sua infância, suspira cantando saudosamente:

*Montanhas arrelvadas,
Vergeis do meu país,
Vendo-vos torno aos dias
Dessa idade feliz!*

⁽¹⁾ «A FOLHA», n.º 3.º da 1.ª série.

.....
*Ainda agora ao ver-vos,
Os campos tão queridos;
A alma se me dilata,
E me invade os sentidos.*

*Um não sei quê de vago,
Um tão suave encanto,
Que involuntário acode
A borbulhar meu pranto!*

.....
*Além campeia a torre
Da solitária igreja,
Ao pé triste cruzeiro
No cemitério alveja!*

Depois de ter andado ao colo de quem o aturava ⁽²⁾, de caminhar atrás das borboletas, de correr em cavalos de cana, de ter servido de anjo numa procissão... Simões Dias matriculou-se em instrução primária. Criticando o ensino de então, deu-nos um expressivo «retrato» do seu primeiro professor, o *Padre-Mestre* António Pedro Nunes Teixeira, que, no dizer do poeta, *ao cabo de trinta anos de regime de palmatória, tinha a freguesia analfabeta e embrutecida como a encontrara no dia em que se apresentou a dar a primeira lição:*

Era um liberalão convicto, alto e aprumado. Falava como um profeta, e como lia muitos alfarrábios e histórias, fazia gala da sua superioridade erudita em meio da gente simples que embasbacava, de queixo caído, a ouvi-lo discorrer. Pelos princípios liberais tinha sofrido inclemências nas cadeias de Almeida... Tinha feito a tolice de casar-se; mas logo que enviuvou meteu-se a padre e principiou a dizer missas a seis vintens. No trato familiar era uma excelente criatura, mas na escola, em frente dos pequenos, lembrava Herodes. Aferrado aos velhos métodos, fazia consistir todo o elemento educativo na palmatória e no cachação.

⁽²⁾ «O SPHINX», páginas 115 a 206, do livro «COROA D'AMORES».

A despeito de ser assim, soube porém o velho *Padre Mestre* adivinhar as qualidades de inteligência do seu jovem discípulo e aconselhar, justificadamente, a família a mandá-lo seguir mais adiantados estudos. O caso foi, porém, objecto de demoradas conversas e consultas...

Meu Pai - diz Simões Dias pela boca de JOÃO NINGUÉM - *fascinado naturalmente pelas pompas da igreja, teria um grande desgosto se eu não chegasse pelo menos a bispo; outros opinavam pela vida agrícola; entretanto minha Mãe, aquela santa criatura, estava por tudo. Os mais do conselho encolhiam os ombros...*

- *Deixem-no ir correr mundo... - exclamava o velho liberal com intimativa tribunícia. - SANTA CECÍLIA é uma terra de selvagens que não sabe dar apreço ao talento. Ninguém pode prever o futuro, é verdade; mas pelo futuro de este rapazote fico eu. O que importa é iniciá-lo, quanto antes, nos mistérios augustos do latim, e em SANTA CECÍLIA, como é bem notório, não há quem saiba latim, nem o próprio vigário, que já se não entende com o missal. As primeiras letras, bem o fundo lh'as meti na cabeça, ainda que o meu suor me custou; o resto não é comigo...*

- *Nada de fixar desde já o destino que lhe pertence; isso depois se verá. Entre general e bispo há muito por onde escolha. O que importa é pô-lo num mestre de latim...*

E assim se resolveu, e ficou decidido. Para tanto teria, pois, o jovem escolar de abandonar a terra natal. Ao conhecer tal decisão, ele, que *nunca tinha saído de SANTA CECÍLIA e cuidava que para além daquelas altas serras que a cercam por todos os lados, já não existia mundo, julgou que caía redondo no chão.*

Olhando à sua volta, revendo a paisagem tão familiar e querida, Simões Dias, no limiar dum futuro que o lançava para terras estranhas sofria, e *o pior é que - confessava - SANTA CECÍLIA nunca lhe tinha aparecido tão encantadora como nesses amargurados momentos em que impunham o suplício de a deixar... Surpreendia-lhe agora belezas em que nunca tinha reparado, descobria-lhe encantos que me tinham passado despercebidos... o papear amoroso dos pássaros no cerrado arvoredo dos quintais em flor; o murmúrio prolongado dos salgueiros que falam às águas correntes e se abraçam no ar quando a ventania os agita... a majestade desses altos serros que parecem escorar a abó-*

bada e logo vem descendo em socalcos, em anfiteatro, até ao fundo do vale, sempre cobertos de verdura, sempre formando degraus...

Naquele tempo ninguém ousava sair de SANTA CECÍLIA, sem se despedir de todas as pessoas, grandes ou pequenas, ricas ou pobres... numa peregrinação que representava o dispêndio de muitas horas e de muitas lágrimas...

Na narração dessa peregrinação, deixou-nos o Poeta uma nítida e real *fotografia* da Benfeita desse tempo:

...Comecei no centro da povoação, no sítio da Praça ⁽³⁾ onde desembocam três ruas, correspondentes às três pontas do lenço... segui pela vereda íngreme que sobe ao oiteiro até me perder nos olivais; percorri todos os becos desse bairro... Depois descí aos socalcos abruptos do lado da ribeira, e despenhei-me no arrabalde, a segunda ponta do lenço; rezei à Senhora da Assunção nos degraus da sua capela, circunvaguei pelas quelhas adjacentes até ao areal... Por fim deslizei por baixo de varandas e passadiços, percorri todos os meandros até próximo da igreja, e regresssei rua fundeira acima até ao primitivo ponto de partida.

Cinquenta ou sessenta anos mais tarde ainda na Benfeita o costume era o mesmo... aumentando apenas o percurso da peregrinação, que abrangia agora o novo bairro do Tanque, para além da ponte do Cabo sobre a ribeira da Mata.

Por experiência própria o sabemos...

Percorria-se como outrora a terra inteira, da Igreja ao Oiteiro, da Capela à Perna de Pau, o Arrabalde, a Carreira... Batia-se do mesmo modo a todas as portas, entrava-se em todas as casas, grandes ou pequenas, ricas ou pobres, e em todas elas as lágrimas afloravam também...

Preparada a sua ida para Pedrógão Grande, para casa de seu tio padre Albino Simões Dias Cardoso, a fim de seguir estudos de latim com o mestre régio João Cabral de Brito, Simões Dias viu chegar - sabe Deus com que angústia - a dia combinado para a viagem...

No pátio, ao fundo da escadaria de pedra, esperava-o, noite ainda, o almocreve, segurando pela arreata a égua aparelhada para o levar...

«A aragem fria que soprava dos vales e sacudia sonorosamente os

⁽³⁾ Esta praça, no centro da povoação, tem hoje o nome de Simões Dias.

sobreirais cortava na carne como navalha de barba. Para não gelar - escreveu o Poeta, no livro «FIGURAS DE CERA», disfarçado de JOÃO NINGUÉM - *deixei-me ir a pé; o almocreve adiante com a égua pela mão. A primeira paragem foi no adro da nossa igreja.*

«Quando ali cheguei e pus os olhos na porta do cemitério atufado de papoilas e de hortências, ⁽⁴⁾ encostei-me ao ralo de madeira para não cair fulminado. Era ali na terra da verdade que dormiam pessoas que me tinham amado; fora ali, na pia daquela solitária e modesta casa de Deus que eu recebera as águas santas do baptismo; naquele pequenino adro, tão rumoroso em dias de festa, tinha eu folgado em melhores dias ao som dos pífaros e dos pandeiros em farândolas e descantes que pareciam subir agora do chão para me torturar. Tudo isto avivava pelo contraste a áspera situação em que me via.

«Mais abaixo, ao transpor a velha ponte de madeira, ⁽⁵⁾ julgando-me a cem léguas de distância, olhei para trás, mas nada se via ainda. No vale profundo alastrava-se a mancha escura da sombra espessa; apenas entreluzia a meus pés o vago cintilar do fio de água que trilha-va monótono nos seixos por entre renques de choupos esguios.

«Adiante, na volta da Córrega, ⁽⁶⁾ no sítio onde estão penando o seu purgatório de zarcão e alvaiade umas almas ingénuas, que suplicam a quem passa a esmola de um padre nosso, começava a clarear a manhã.

«O céu azulava-se e no espinhaço dos montes corriam nuvens

⁽⁴⁾ O cemitério era então no adro, do lado norte da igreja. Em obediência à famosa lei de Passos Manuel se construiu este cemitério, que começou a ser utilizado a partir de Fevereiro de 1836. Só mais tarde, cerca de 1894, o cemitério foi transferido para a «Corga».

⁽⁵⁾ A actual «Ponte Fundeira», feita de pedra, foi construída em 1880, tendo a Câmara dado um subsídio de 9.400 reis e a freguesia todo o serviço braçal. Nesta Ponte, que substituiu as anteriores, de madeira, que as cheias frequentemente destruíam, trabalhou um hábil pedreiro, José Castanheira Feiteira, que ainda conhecemos, e que a musa popular consagrou numa quadra, de que muitos provavelmente se lembrarão:

«Ó arco de pedra,
Da ponte fundeira.
Quem te fez ó arco?
- Foi o Zé Feiteira».

⁽⁶⁾ O povo diz hoje simplesmente «Córga». Deve ser corrupção da palavra apontada por Simões Dias «Córrega», como esta o seria já da palavra «Córrego», que significando regueiro de água aberto pelas chuvas ou linha de reunião das águas das duas vertentes dum vale, tinha inteira justificação, em face da configuração local do terreno.

esbranquiçadas. Entretanto os olivais e soitos que povoam as ribas do vale mergulhavam ainda na sombra.

«Ao chegar ao penedo do Rolão,⁽⁷⁾ aquele famoso bloco sob o qual uma linda moira encantada guarda perpetuamente os seus tesouros, tive vontade de me sentar na pedra e perguntar à fada pela sorte que me estava reservada no livro dos destinos: mas eu tinha pressa de galgar a lomba e chegar à volta donde se avista, em todos o seu conjunto, a casaria de SANTA CECÍLIA. É com efeito, das paredinhas⁽⁸⁾ que se descobre lá ao fundo das alterosas montanhosas que sobem ao céu, o burgo solitário e tranquilo... Divisa-se perfeitamente a brancura da igreja, erguendo para o céu a sua pequena torre quadrada, a surgir como sentinela à entrada da povoação, e adiante, estendida na encosta, a casaria irregular, em pinha, com os seus tectos de ardósia⁽⁹⁾. Lá estavam da outra banda, para além da ribeira da Mata, brilhando no crepúsculo como copos de leite postos ao relento: em baixo a alvenitante capela octogonal de Santa Rita, com o seu alpendre coberto de jasmineiros; mais acima, na crista da montanha, a ermida de S. Bartolomeu, dominando o largo horizonte; e na mesma linha correndo para a serra, as capelas da Senhora da Guia e das Necessidades com o seu espaçoso terreiro encombrado de acácias.

«Foi com os olhos cheios destas visões benditas que eu não me despedi desses lugares queridos da infância, e me lancei ao caminho, correndo montes e vales, trepando serras e descendo precipícios, durante um dia inteiro...».

Formoso quadro, cheio de verdade e de ternura, nos deixou Simões Dias nas páginas que transcrevemos. A Benfeita, os horizontes que a rodeiam, os pequenos nada que a tornam querida... a igreja em que nos baptizaram, o cemitério onde dormem o sono eterno os nossos

⁽⁷⁾ Dizia a tradição que o tesouro seria encontrado por quem, sonhando três vezes seguidas com ele, a ninguém contasse o sucedido, e fosse, de noite e sozinho, cavar no sítio que o sonho lhe tivesse revelado... Muitos, homens e mulheres, lá andaram azafamados, mas o tesouro ainda não apareceu...

A lenda está agora menos viva na imaginação popular, talvez por o «penedo» ter sido grandemente desbastado, para melhoria do caminho carreteiro para as Luadas e para a Esculca.

⁽⁸⁾ A palavra usada presentemente é «pardinhas», resultante da atenuação verbal e consequente supressão de vogal intercalar «e».

⁽⁹⁾ Os telhados de ardósia ou lage, desapareceram quase completamente; a cobertura das casas é, em quase todas, feito com telha de canudo, ou marselha, vendo-se mesmo telhados desta natureza em várias palheiras e currais.

avós, as ermidas, as frescas ribeiras murmurantes, os altos montes, as alminhas que convidam à oração... tudo enfim quanto os nossos olhos de menino viram e o nosso coração jamais esquecerá, surge das palavras do Poeta como em fiel e precioso diorama de impressionante realismo e verídico colorido!

Quarenta anos decorridos sobre esse dia, que foi um dos mais tormentosos da sua vida, segundo a sua própria confissão, Simões Dias de nada se havia olvidado, pelo que pôde escrever esta preciosa descrição, digna duma antologia.

Instalado agora na granítica e alegre vila de Pedrógão, de velhos pergaminhos romanos, alcandorada nas escarpas do Zêzere, ao pé dos desfiladeiros do Cabril, JOÃO NINGUÉM ingressa na decantada aula de latim, aonde encontra 12 companheiros.

Ouçamo-lo a descrever mais este passo da sua vida de estudante:

«Ao entrar pela primeira vez na aula de latim eu ia decentemente, de chapéu na mão e muitos livros debaixo do braço, mas um tanto desconfiado e macambúzio. O professor tomava lição à classe. Os discípulos contei-os logo, eram doze... Alguns eram já homens, com barba na cara... Os outros eram rapazotes espigados e bisonhos. Alinhavam-se todos numa saleta comprida em bancos de pinho encostados à parede. Na frente, onde se alteava um estrado com uma banca avergada de livros, o mestre sentado numa cadeira de coiro e os pés num capacho de esparto vigiava o rebanho. Fui entrando.

«A cara do professor... parecia-se sinistramente com a do mestre escola de SANTA CECÍLIA. Era um homem alto, muito magro, esgrouviado, de cabeça redonda e pequena, onde os cabelos corredios rareavam já. Estava embrulhado num alburnoz... À sua ordem aproximei-me do estrado; mediu-me de alto a baixo, notando a exiguidade do meu todo; fez-me responder a algumas perguntas, certamente para tomar o pulso ao meu saber; mandou-me ler num grande livro para verificar o modo como eu cortava na letra redonda; ordenou-me que escrevesse o meu nome para avaliar a minha caligrafia...».

Se a cara do professor de Pedrógão se parecia com a do

Padre-Mestre da Benfeita, os métodos pedagógicos dum e de outro tinham também profundas semelhanças:

«Decorava ainda como em SANTA CECÍLIA mas não sabia dis-correr; faltava-me a chave para abrir as portas do raciocínio... Agar-rando-me numa das mãos e depois noutra com a rapidez do tigre, pespega-me em cada uma delas meia dúzia de valentes palmatoadas que me fazem ver as estrelas e me repuxam o sangue... eu levei-as a pé firme; mas quando vi que os outros se riam à sucapa, não só da minha desgraça, mas das piruetas que pelos modos eu esboçava a cada golpe que me retalhava a carne, a minha vergonha ainda foi maior que a própria dor.

.....
«No fim de três anos de martírio sucessivo, o austero mestre régio teve a caridade, talvez inconsciente, de me dar por pronto para exame...».

Razão tinha, portanto, o Visconde Sanches de Frias para afirmar, no estudo crítico-biográfico com que prefaciou a 5.^a edição das «PENINSULARES», que Simões Dias *pintou uma parte de si próprio* na melhor personagem das «FIGURAS DE CERA», no famoso JOÃO NINGUÉM.

Na verdade, Simões Dias ocupou-se efectivamente nas 65 páginas deste esboçeto, como lhe chama na «Advertência» com que abre o livro, quase exclusivamente de si, dos tempos distantes da sua infância e dos desejos e projectos que acalentava, fazendo-o, porém, quando a Morte se aproximava já traiçoeira e inexorável, a cortar impiedosa o seu der-radeiro sonho, e a confirmar os seus versos:

*...A vida é fumo
Azulado que sobe da montanha
E se evapora, se desfaz no ar!* ⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ «HÓSTIA DE OIRO», edição, 1869. Pág. 20.

NOTAS

⁽³⁾ Para confronto com as referências feitas ao *Padre-Mestre* pelo dr. Simões Dias transcrevemos de um livro, publicado em 1870, em Elvas, sob o título «JOSÉ SIMÕES DIAS, sua vida e escritos» por Henrique d'Andrade, amigo, colega e companheiro do Poeta, naquela cidade, as palavras com que aprecia o velho professor que, no estranho dizer do seu aluno, no livro «COROA D'AMORES», «ao cabo de trinta anos de regime de palmatória, tinha a freguesia analfabeta e embruecida como a encontrara no dia em que se apresentou a dar a primeira lição»...

No texto, a página, 6, e referindo-se ao Poeta:

«Estudou primeiras letras com o seu parente e professor público, o padre António Pedro Nunes Teixeira ⁽²⁾, velho simpático tão avergado hoje pelos anos, como pelos trabalhos e sofrimentos em prol da liberdade, durante as fases angustiosas das nossas lutas intestinas».

«Por instigação deste cavalheiro e conselho de seus pais saiu da Benfeita para a pátria do clássico Miguel Leitão d'Andrade, onde seu tio, o reverendo sr. Albino Simões Dias»... etc., etc..

Na nota ⁽²⁾ na mesma página:

⁽²⁾ «Padre António Pedro Nunes Teixeira - Posto que não conheçamos pessoalmente S. S.^a, é-nos todavia sobremaneira grato dedicar-lhes algumas linhas, porque sabemos quanto contribuiu para que Simões Dias não afogasse no mister da nossa enfezada agricultura, o génio potente que aí se está desentranhando em obras. Aceite S. S.^a esta manifestação dos nossos sentimentos, como consequência dum culto que também em nossa humilde obscuridade nos prezamos de votar a quem primeiro guiou nossos tímidos passos na espinhosa carreira das letras.

«O reverendo sr. Padre Teixeira nasceu na Benfeita por fins do século passado. Estudou preparatórios e algumas disciplinas eclesiásticas no seminário de Coimbra, chegando a receber tonsura e ordens menores. Em 1828 foi inculcado por crimes políticos, e consequentemente, perseguido, sua família insultada e seus bens confiscados. Como tantos outros, recorreu ao homísio, e aí se conservou até 6 de Maio de 1829, dia em que entrou nas cadeias d'Arganil, enganado pelas autoridades desse tempo com a sedutora promessa de regressar para sua família.

Em 1 de Agosto do mesmo ano foi remetido escoltado para a Praça de Almeida e recluso na Avançada de Santo António. Ao despertar da aurora do dia 18 de Abril de 1834 chegou aos ouvidos dos prisioneiros encarcerados a notícia da fuga do governador da praça e da saída d'alguma tropa. Em breve, auxiliados pela gente de fora, conseguira, arrombar as prisões e respirar livremente o ar que por tanto tempo lhe haviam negado.

A 4 de Junho de 1834, depois de dissolvido o batalhão fixo, que fazia a guarnição da praça, e de que o sr. Padre Teixeira, era soldado, regressou à sua terra natal, e aí, despido de ódios e rancores, se entregou aos cuidados domésticos no seio da sua família. Apesar de tantos revezes que quase o reduziram à miséria nunca exigiu indemnizações, nem ao menos solicitou um emprego, a que lhe davam incontestável direito seus serviços e estudos.

Só em 1840, depois de muitas provações e dificuldades se lembrou de concorrer a exame para uma cadeira de instrução primária criada na Benfeita.

Fez o primeiro exame em Fevereiro de 1841 e o segundo em Fevereiro de 1843, obtendo então a propriedade.

O interesse e carinho com que regeu a cadeira, aí estão a apregoá-lo centenas de discípulos agradecidos, alguns dos quais ocupam posições eminentes, o que não sucederia talvez se não foram seus conselhos e desvelos.

Interrompida a carreira eclesiástica em consequência de tantas vicissitudes, havia

contraído casamento com uma senhora, cuja perda lhe fez volver de novo os olhos para o altar. Celebrou a sua primeira missa em 1854, tendo 59 anos de idade.

Em 1864, cansado da vista e dos anos, obteve a sua aposentação no professorado e hoje arrastando dificilmente a vida lá existe ainda na Benfeita, no seio da sua família, a quem sempre generosamente beneficiou, com a tranquilidade duma consciência limpa de crimes e remorsos».

O autor deste livro, que tem 32 páginas, e de que existem na Biblioteca Nacional de Lisboa, dois exemplares, nas MISCELÂNIAS que têm os números HG. 9.026, e HG.20.843, foi jornalista e professor do Seminário de Elvas. Nasceu nesta cidade em 18 de Novembro de 1841, tendo sido ordenado presbítero em 23 de Dezembro de 1865. Fundou em 1865 o jornal «Democracia Pacífica», que depois adoptou o simples nome de «Democracia», colaborou na «Gazeta de Portalegre», no «Campeão do Alentejo» e no «Boletim Eclesiástico da Diocese de Elvas».

À data em que publicou o livro sobre «Simões Dias» tinha este apenas 26 anos, como aliás acentua no próprio texto.

⁽⁴⁾ É comum pensar-se, e escrever-se, como o fez o Padre Henrique José Andrade, no livro «*Simões Dias. Sua vida e escritos*», que o Padre António Nunes Pedro Teixeira nasceu na Benfeita. Tal informação não corresponde, porém, à verdade, devendo-se o facto, certamente, à circunstância de ter vivido nesta povoação desde os três anos de idade, de aqui ter casado, e residido sempre até morrer em 30 de Julho de 1875, com 82 anos.

O «*Padre-Mestre*» nasceu na Teixeira, à roda de 1792 ou 1793, sendo filho de Pedro Nunes, do Porto Castanheiro, e de sua mulher Isabel Domingos, da Teixeira. Neto paterno de Manuel Lourenço, de Água d'Alte, e de Isabel Antunes, das Boiças. Seu pai, veio a casar em segundas núpcias, na Benfeita, aonde morava, com Maria Nunes, do Salgueiro, no dia 19 de Abril de 1819.

Em 2 de Maio de 1818, veio, o ao depois «*Padre-Mestre*» a casar-se com Maria Florinda Ribeiro, que pertencia às melhores famílias da freguesia; o noivo figura no assento com o nome de «António Joaquim Pedro» pelo que é de admitir que só mais tarde, talvez em lembrança da terra em que nascera, passou a usar o apelido «Teixeira».

A data do casamento entre António Pedro e Maria Florinda, muito anterior às lutas políticas entre absolutistas e constitucionais, arreda a hipótese que parece resultar das considerações formuladas pelo Padre Henrique de Andrade, da interrupção da sua carreira eclesiástica ter resultado daquelas vicissitudes.

Deste casamento nasceu apenas um filho a quem foi dado o nome de Albano António da Fonseca, que veio a casar com Maria dos Prazeres Adelaide de Abranches, de Coja, e tiveram numerosos filhos, o primeiro dos quais, de sexo feminino, e Maria Urbana de nome, nasceu em 1843. A última, de sexo feminino também, chamou-se Amélia Augusto da Expectação, nasceu em 1863, casou com José Dias Gonçalves, e morreu, com 91 anos, em Janeiro de 1954, na Benfeita.

Quando da vitória dos constitucionais, o «*Padre-Mestre*» evitou que um grupo de gente de fora da freguesia, que em tumulto veio à Benfeita para queimar as casas do dr. Joaquim José Dias, e de outros «*miguelistas*», o fizesse, tendo-se imposto, com a autoridade que lhe advinha dos seus quatro anos de encarcerado e de soldado voluntário dum batalhão constitucionalista. Não o conseguiu, porém, sem grande esforço e bastante risco.

(Do livro *BENFEITA*, 1963-1965)